



ANDRÉIA VOLPI FERREIRA NOVAES

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA
RELAÇÃO PROFESSOR/ ALUNO NOS
PRIMEIROS ANOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori,
como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

ORIENTADORA: Profa. M^a. Adriana Regina Silva
Leite.

LINHA DE PESQUISA: Situações e práticas
pedagógicas.

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2016**

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ ALUNO NOS PRIMEIROS ANOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Orientadora - Profa. M^a. Adriana Regina Silva Leite.

Professor Avaliador: Me. Cláudio Manoel Person

Professor Avaliador: Me. Cesar Clemente

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2016**

Dedico esta vitória em especial a Deus, que me agraciou com o dom da vida, da saúde e da inteligência. Portanto, me permitiu realizar o grande sonho de me formar. Ao meu filho, querido Iago, que esteve ao meu lado, nos bons e nos maus momentos da vida, não me deixou desistir e incentivou-me a acreditar que eu seria capaz de concretizar minhas aspirações.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me conduzido e iluminado até aqui, dando-me força, fé e coragem para vencer os obstáculos que surgiram no caminho, e, assim, permitiu alcançar o meu objetivo;

Minha eterna gratidão à minha mãe e irmãos pelo total incentivo e por terem demonstrado sempre uma grande confiança em mim;

Ao meu filho maior incentivador e o principal motivo desta conquista. Filho esta vitória é nossa;

Meu esposo pela paciência e carinho a mim dispensados durante esses quatro anos. Pela compreensão de minha ausência nos momentos que precisou de mim, por respeitar e entender que o dever de aluna me chamava;

À minha sogra, muito obrigada pelo carinho e preocupação, pois, todos os dias, retardava o seu descanso aguardando a minha chegada da faculdade;

Às minhas colegas de curso pela parceria. Levarei carinhosamente na lembrança, os inesquecíveis momentos por nós vividos;

Aos meus professores mestres e doutores, eterna gratidão por todos os ensinamentos, comprometimento e dedicação para conosco. Sem o amor e a disponibilidade de vocês nada disso seria possível;

À minha Professora, Mestre e Orientadora Adriana Regina Silva Leite, muito obrigada por ter se disponibilizado em me orientar e ter acreditado que a nossa parceria daria certo. Adriana, você foi a minha fonte de inspiração para a realização desta pesquisa. Com você aprendi a amar e enxergar a arte de educar como uma verdadeira vocação.

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar (FREIRE, 2000, p.36)”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1- A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA ESCOLA.....	15
CAPÍTULO 2 - A AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO	
INFANTIL.....	23
2.1 Os Estágio do Desenvolvimento.....	23
2.1.1 Período Sensório-motor (0 a 2 anos).....	24
2.1.2 Período pré-operatório (2 a 7 anos).....	25
2.1.3 Período das operações concretas (7 a 11, 12 anos).....	26
2.1.4 Período das operações formais (12 anos em diante).....	27
2.2 Desenvolvimento Motor.....	28
2.2.1 Estágios de aprendizagem.....	29
2.2.1.1 Imitação.....	30
2.2.1.2 Manipulação.....	30
2.2.1.3 Conceituação.....	30
2.2.1.4 Discriminação.....	30
2.2.1.5 Naturalidade.....	30
2.2.1.6 Movimentos e atividades de dança.....	31
2.2.1.7 Coordenação.....	31
2.2.1.8 Empurrar e puxar.....	31
2.2.1.9 - Atividades de equilíbrio.....	31
2.2.1.10 Atividades de Conscientização do Corpo.....	32
2.2.1.11 Atividades de consciência espacial.....	32
2.3. Coordenação Motora.....	33
2.3.1 Coordenação Motora Fina.....	33
2.3.2 Coordenação Motora Global.....	33
2.3.3 Estruturação Espacial.....	34
2.3.4 Organização Temporal.....	34
2.3.5 Estruturação Corporal.....	34
2.3.6 Imagem Corporal.....	34
2.3.7 Conhecimento Corporal.....	34
2.3.8 Esquema Corporal.....	34
2.3.9 Lateralidade.....	35

CAPÍTULO 3 - A AFETIVIDADE DOCENTE X AFETIVIDADE INFANTIL.....	36
CAPÍTULO 4 - A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO DA FAMÍLIA E A ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	42
CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIAS.....	52

RESUMO

Este estudo expõe assuntos a respeito da seriedade e relevância da afetividade entre a atuação pedagógica e a aprendizagem que acontece durante os primeiros anos da criança na Educação Infantil. Mostra o pensamento de vários autores no que se refere à afetividade na infância e a participação docente na mesma, seu papel e sua importância. O professor é o suporte para a aprendizagem e sendo assim, sua função é levar o aluno ao desenvolvimento durante o processo de ensino aprendizagem, pois a educação é um instrumento que pode transformar o indivíduo em um cidadão crítico, responsável, digno, empreendedor e participativo dentro do processo social. Cabendo ao educador o papel de, desde o início do ano letivo, promover ações pedagógicas que visem o desenvolvimento de seus alunos através de interações e atividades adequadas. Este trabalho desenvolvido como uma pesquisa bibliográfica possui a natureza analítico-descritiva. Tem o objetivo de perceber a importância da afetividade no relacionamento educacional, pois na sua ausência, o futuro do indivíduo estará comprometido; Pesquisar sobre a influência da Educação Infantil para a vida do educando; buscar pontos positivos para que cada vez mais a Educação Infantil seja o primeiro passo da vida do cidadão crítico e construtor de seu próprio conhecimento. Em suma, o processo de educação instiga a vontade de desenvolver através do pensar e do sentir e ambos estão prontos por natureza, mas o agir aguarda um processo educativo para que possa e deva ser trabalhado, e este último depende diretamente da relação de afetividade entre os atores do processo ensino aprendizagem, professores, alunos e familiares.

Palavras-chave: Educação Infantil. Afetividade. Educando. Educador.

ABSTRACT

This study exposes subjects regarding the seriousness and relevance of the affectivity between the pedagogical performance and the learning that happens during the first years of the child in Early Childhood Education. It shows the thinking of several authors regarding affectivity in childhood and the teacher's participation in it, its role and its importance. The teacher is the support for learning and thus, its function is to lead the student to the development during the process of teaching learning, since education is an instrument that can transform the individual into a critical, responsible, dignified, enterprising and participative citizen Within the social process. Since the beginning of the school year, it is the role of the educator to promote pedagogical actions aimed at the development of their students through appropriate interactions and activities. This work developed as a bibliographical research has the analytical-descriptive nature. It aims to perceive the importance of affectivity in the educational relationship, because in its absence, the future of the individual will be compromised; Research on the influence of Early Childhood Education on the life of the student; Look for positive points so that Infant Education is increasingly the first step in the life of the critical citizen and builder of their own knowledge. In short, the process of education instigates the will to develop through thinking and feeling and both are ready by nature, but action awaits an educational process so that it can and should be worked on, and the latter depends directly on the affective relationship between. The actors of the teaching learning process, teachers, students and families.

Keywords: Early Childhood Education. Afectivity. Educating. Educator.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa aborda os assuntos referentes à necessidade e a possível relação de apreço entre educador e educando na Educação Infantil de 4 e 5 anos. A afetividade no contexto escolar será vista a partir dos anos iniciais da vida da criança, pois, é, na Educação Infantil, na escola propriamente dita, que ela passará a maior parte do tempo fora do ambiente familiar.

O desenvolvimento desta pesquisa justifica-se pela necessidade que a autora tem em entender as relações de afetividade entre educador e educando e a relevância que essa afinidade tem no desenvolvimento cognitivo de crianças na Educação Infantil de 4 e 5 anos.

Segundo Cruvinel; Boruchovitch (2004), a escola é responsável pela identificação e auxílio da família no encaminhamento do educando a profissionais qualificados quando entende que a criança tem um comportamento atípico, pois, os professores conhecem o desenvolvimento infantil e podem detectar um transtorno de humor, que envolvem fatores afetivos e também mostram elementos cognitivos, comportamentais, motivacionais e fisiológicos.

Conforme Parrat-Dayán (2008) seria mais apropriado que o educador tivesse cautela ao falar com seu aluno, sem constrangê-lo ou chamar a sua atenção sem alterar o tom da sua voz. A maneira como o vínculo da relação se forma é o alicerce principal para as questões de afetividade entre os atores do processo de ensino aprendizagem.

O educador em muitos casos só transmite conteúdos não se importando com a formação e desenvolvimento de seu educando, assim, passa a prejudicar a formação do aluno: como Kulloq que considera:

[...] o educador necessita de conhecimento sobre a importância e influência de professor-aluno para não se posicionar como dono do saber, mas ser capaz de compreender a sala de aula

como o espaço de relações sociais e afetivas, humanizando o ato de aprender (KULLOK, 2002, p.16).

Valorizar o vínculo da relação entre professor-aluno é uma condição permanente para que se tenha uma base educacional sólida e eficaz que fatalmente terá graves consequências se não se firmar de maneira respeitosa e compreensiva.

[...] é preciso valorizar o processo e desenvolvimento das relações sociais percebendo que é imprescindível que se crie um intercâmbio entre quem ensina e quem aprende sob pena da aprendizagem não acontecer (KULLOK, 2002, p.17).

KulloK (2002) afirma que afetividade é o intento fundamental para a construção de elementos cognitivo-afetivo nas crianças e assim as relações que se estabelecem entre educadores e educandos. O desenvolvimento do ser humano relaciona-se diretamente a setores sociais, intelectuais, corporais e mais ainda à sentimentos e emoções, sendo que através da cordialidade nos habituamos com nossos semelhantes e somos capazes de entendê-las, protegê-las e acima de tudo amá-las.

Estudar esse conceito passou a ser uma bandeira levantada por KulloK (2002), considerando que, quando criança vivenciou uma educação conservadora, desprovida de afeto e cuidado. Assim, vale destacar a importância de se desenvolver uma pesquisa fundamentando-se no empenho de caráter científico que o trabalho pretende apresentar, objetivando-se comprovar cientificamente o tema abordado.

A partir da educação o ser humano se desenvolve e modifica. Há várias formas de educar, sendo a família o primeiro ambiente educador, portanto, é de suma importância que se estabeleça um vínculo de afetividade dentro do ambiente familiar como afirma Coll (1994), que ressalta a importância do cumprimento do papel de cada participante da vida da criança, a família inicialmente e a escola no complemento do desenvolvimento e aprendizagem.

Mediante ao exposto, o objetivo geral é de:

- Perceber a importância da afetividade no relacionamento educacional entre escola, professor e aluno nos primeiros anos de da vida da criança, pois, na sua ausência, o futuro do indivíduo pode estar comprometido.

E os objetivos específicos são:

- Estudara importância da afetividade na Escola na Educação Infantil de 4 e 5 anos.
- Entender como a afetividade pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo das crianças de 4 e 5 anos.
- Analisar a importância da relação da família e da escola no desenvolvimento da criança.

Nos procedimentos metodológicos dar um parecer inicial do que será visto pelo leitor sobre afetividade, explicar o problema através de teorias de vários autores e por se tratar de leitura de artigos, livros, dissertações e teses, têm teor bibliográfico.

O presente estudo será dividido em capítulos:

O primeiro capítulo traz o que se refere a A Importância da Afetividade na Escola, o que é afetividade, suas particularidades e o que se espera da relação entre educando e educador substanciado no pensamento dos autores.

O segundo capítulo fala da Afetividade no Desenvolvimento cognitivo infantil, as pesquisas de Piaget sobre os estágios do desenvolvimento e suas principais características para que haja o sucesso escolar, além de pensamentos de autores diversos que defendem as ideias da importância do desenvolvimento cognitivo.

O terceiro capítulo trata: A Afetividade Docente x Afetividade Infantil, suas competências e principais posturas a serem seguidas por cada ator do processo de ensino aprendizagem e principalmente no reflexo futuro dessa relação para o indivíduo.

O quarto capítulo apresenta a importância da relação da família e a escola para o desenvolvimento da criança, pois no mundo atual, muitos conflitos se apresentam quando se trata dessa convivência, pois, na maioria das vezes o educando passa maior tempo na escola e quase não tem convivência familiar.

As considerações finais retomam as principais ideias apresentadas no trabalho e instigam o leitor, enquanto educador a refletir sua prática e postura profissional e o leitor enquanto mero observador a se inteirar sobre a

importância da afetividade na relação professor/ aluno com 4 e 5 anos que frequentam a Educação Infantil.

A pesquisa incidirá conforme apresentam Lakatos e Marconi (2000, p.74), dentro do método dedutivo, e a partir de críticas e indução. Inicialmente apresenta-se o problema, sem conhecimentos prévios. Para isso, oferece-se uma espécie de solução temporária para que se possa entender e explicar as dificuldades encontradas a partir do tema, chamada de hipótese, que deve ser testada.

Andrade (1999) expõe sobre o tipo de pesquisa descritiva como aquela em que os acontecimentos são analisados, anotados, ponderados, dispostos e explicados, sem que o pesquisador intervenha sobre os mesmos.

Para Cervo, Bervian e Da Silva (2007), a pesquisa bibliográfica busca explicar o problema através de teorias anteriores, artigos, livros, dissertações e teses, meios de informação através da leitura de periódicos, tendo como base a utilização do método dedutivo.

Utilizar-se-á ainda da pesquisa bibliográfica por meio de levantamento de dados buscando analisar o processo de relação afetiva dentro do contexto escolar, entre educando e educadores que atendem as crianças de 4 e 5 anos de idade, além de estudar as vivências das crianças no grupo familiar e educacional, para verificar o trabalho de assistência do professor com a criança, levantar questões para o processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças, identificar falhas de conduta no processo de ensino aprendizagem e apresentar a importância da afetividade no processo de desenvolvimento escolar da criança na Educação Infantil, pois, atualmente a escola convive com situações de violência como o uso de drogas, desestruturação familiar entre outros problemas. Por esses e outros motivos é tão importante pensar em aspectos de afetividade, pois o principal objetivo da Educação é a aprendizagem, portanto, a relevância das condições físicas, emocionais e afetivas dos educandos, faz com que o educador não seja aquele que ensina, mas o que fornece ferramentas para que o aluno possa se desenvolver e atuar, usando recursos adequados para direcionar todas as prioridades essenciais para que haja bons resultados, essa é a recíproca confiança entre professor e aluno.

Outro aspecto referente à importância social dessa pesquisa e que poderá contribuir positivamente para que haja progresso no processo ensino aprendizagem, principalmente no que diz respeito às relações afetivas entre educadores e educandos, é o da relevância de se abordar esse tema de afetividade docente, por se entender que o cuidar é um ato de amor consciente que pode ser ensinado e consiste num dos principais geradores de deleite que o ser humano conhece.

CAPITULO 1 - A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA ESCOLA

Considerai o homem como uma mina rica em joias de inestimável valor. A educação, tão somente, pode fazê-la revelar seus tesouros e habilitar a humanidade a tirar dela algum benefício (BAHÁ U LLÁH, 1817-1892).

Mas afinal o que é a afetividade? A criança gosta e tem necessidade de ser aceita e amada em qualquer ambiente que esteja, pois quanto mais instigada, maior será seu desenvolvimento e sua curiosidade, logo, maior será seu aprendizado. Um dos principais responsáveis por essa passagem e transformação e o professor é responsável por estabelecer da melhor maneira o despertar e interesse pela aprendizagem. A postura profissional deve direcionar seu trabalho a fim de abrir os olhos, os ouvidos e o coração de seu educando para que se interesse pelo mundo que o rodeia.

[...] afetividade é elemento psíquico que aparece com anseios e que acende sentimentos. A afetividade se deve a evolução biológica da espécie humana, quando surge o amor que serve como incentivo para que o ser humano cresça e se aperfeiçoe, sendo imaturo inicialmente e em decorrência das experiências vividas vai se adaptando a regras e normas, sem, no entanto, nunca deixar de precisar do outro para completa-lo (ANTUNES 2006, p.5).

Ferreira (1999, p.62) apresenta a afetividade como um “conjunto de elementos psicológicos que surgem sob a forma de sentimentos, emoções, paixões e até mesmo com dor, prazer, satisfação e insatisfação, agradando ou não, alegre ou triste”.

“A afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. Ela “está” em nós como uma fonte geradora de potência de energia”. (ROSSINI, 2001, p. 9)

Para Galvão (2008, p. 61), afetividade é o “conceito e junção de várias manifestações de emoções e sentimentos como amor, atenção, raiva, carinho, confiança que podem ser negativos ou positivos”, sendo que através da

afetividade surgirão várias revelações emocionais e sentimentais que são manifestações da vida afetiva.

Analisando a afetividade, segundo os pensamentos de Antunes (2006), percebe-se que a escola ensina, e não há dúvidas aparentes sobre tal ofício, mas, a problemática está justamente no entendimento do que seja ensinar, e conseqüentemente o que seja aprender, desta forma, os professores podem ensinar apenas utilizando suas bases de poder verticais, coercitivas e autoritárias e se atribuir papéis apenas facilitadores, permissivos ou não diretivos, ou até se tornarem mediadores de processos interpessoais e na aprendizagem dos alunos.

Para Rossini (2001), em todas as facetas de seu ofício, os professores encarnam dimensões curriculares explícitas ou não e mostram na maioria das vezes suas expectativas quanto aos seus alunos, que por sua vez, tem um ofício complementar, dialeticamente produzido pelas contradições geradas na própria relação que se apresenta. Afinal, ambos os atores são ao mesmo tempo, reativos a seu favor, não apenas emitindo respostas face à estimulação do outro, como também produzindo padrões diferenciados de interação e interlocução. Se nem sempre é fato dizer que tudo compreender é tudo desculpar e é certo que, o entendimento aumenta a tolerância e evita uma revolta desonesta e quase sempre inútil.

Segundo Galvão (2008), com o processo de planejamento passando por mudanças constantes, a prática pedagógica não difere de outras situações nas quais a escola se encontra. O planejamento continua excludente nas práticas pedagógicas. Os problemas que afetam a situação econômica, social e histórica do país, acabam por refletir nas práticas pedagógicas mesmo porque há injustiças em todos os setores da sociedade. As práticas educativas continuam sendo aplicadas e depois avaliadas para classificar os resultados do ensino, eliminando os discentes que procuram uma chance na escola e são discriminados pelo sistema, que na realidade os colocam à margem da sociedade. Na prática pedagógica, mesmo que se queira, não existe neutralidade ideológica.

Para Ferreira (1999), a ideia que se faz é de interação e não há possibilidade de se trabalhar apenas de uma maneira, é necessário dinamismo, inovação e criatividade. Alguns professores buscam melhorar o seu

desempenho juntos dos alunos, outros trabalham em função do tradicionalismo e costumam parar no primeiro empecilho, porque os tempos históricos são outros e as novas tendências já ganharam espaço entre os profissionais da educação, que devem procurar à todo o momento rever sua postura profissional e aprender a cada dia com sua própria experiência.

Na atual conjuntura, a prática pedagógica tem se tornado fonte de reflexões e indagações com a finalidade de alcançar os objetivos propostos no Projeto Político Pedagógico, que vem ao encontro da realidade dos educandos para que ajudem a desenvolver uma consciência crítica perante a divisão de classe e da sociedade em geral. Precisa-se de estudos e da conscientização para atingir uma aprendizagem significativa e globalizante, que resulte em processo democrático de transformação num contexto social adverso. É importante refletir a prática pedagógica diante das novas perspectivas da educação. Em muitos casos, o aluno não cria, aprende silenciar, concordar e a submeter-se mesmo quando discorda, pois a disciplina e o respeito são exigidos e exercidos amparados por uma epistemologia que legitima sua prática.

Segundo Polanyi (1994), o aprendiz inconscientemente escolhe as regras da arte, incluindo aquelas que não são explicitamente conhecidas pelo próprio mestre. Estas regras ocultas podem ser assimiladas somente por uma pessoa que naquela medida, se renda acriticamente à imitação do outro.

Mizukami (1986) compara o homem a uma mina de inestimável valor, sendo que a educação tão somente pode fazê-la revelar os seus tesouros, pois, educar requer compromisso, envolvimento de todos, e não se pode ignorar a necessidade de se promover uma aprendizagem significativa que leve a inserção dos educandos nas questões sociais, políticas e econômicas, destacando valores éticos e morais num universo cultural maior.

Gadotti (2000) ressalta que a tendência é transmitir e incorporar os conhecimentos e sendo assim, a escola deve trabalhar dentro de conceitos de realidade social, ou seja, aquela na qual o aluno está inserido.

Coll (2004) defende a ideia de que se cada um dos atores do processo educacional cumprir com seu papel, terá maior consciência dos significados de palavras: tolerância, gratidão, respeito, companheirismo, amizade, limites, sim e não, teremos um mundo bem melhor de se viver, fazendo com que todos

esses elementos sejam inseridos perfeitamente na escola, tornando-os participativos, e proveitosos no processo da escolarização.

A definição dos papéis de escola, educação, sociedade não é fácil no contexto sócio cultural atual, porque a escola transformou-se em família e a família transformou-se em escola, não existindo separação, e com os papéis trocados, certos pais fazem papel de professores e vice-versa, e o homem é um ser criado para conviver com seus semelhantes, e é realmente notável a capacidade infantil para apreender as relações humanas, mesmo as aparentemente sutis e menos explícitas. (PATTO, 1982 p. 236)

Para Mussak apud Patto (1982) vivemos novos tempos, uma era de conhecimento, em que educar é ensinar a pensar, e ensinar a pensar é mostrar horizontes ao educando, deixando-o livre para encontrar a melhor forma de alcançar sua meta.

Conhecimento não é informação, é transmissão de informação, é a informação interpretada, codificada, transformada, ampliada e assimilada, conhecimento não se transfere se constrói e “a Imagem que temos de nós mesmos não é o retrato que outros veem de nós, porque os outros não veem a mesma pessoa” (PATTO, 1982, p.238).

Segundo Delors (2012), o Educador quer educar, a escola é a coadjuvante principal da educação, mas, que precisa e depende de parcerias, o aprender à conhecer, a fazer, a conviver e ser, não conseguem completar-se, se não houver consciência de um ambiente múltiplo, heterogêneo em que cada indivíduo colabore com uma porção de conhecimento. É preciso mais eficácia ao se firmar compromissos, pois, se espera muito da educação e conseqüentemente dos professores e das escolas, muitas vezes deixando toda responsabilidade em cima dos mesmos.

Tiba (1996) apresenta que nossas crianças estão muito mal preparadas para a vida e para a sociedade, abandonaram-se os princípios, valores e limites, pois, a questão é complexa e se toda uma geração chega a escola sem princípios, é porque em sua época os princípios caíram, e se eles caíram não há como querer ressuscitá-los, sendo assim, é quase impossível se formar cidadãos responsáveis e humanos. Espera-se que o sistema educacional seja mediador, para que perpetue crenças e culturas sempre com o devido cuidado para não se perder as relações humanas.

Para Tiba (1996), essas ligações tão importantes na formação da personalidade das crianças, cabem aos pais e professores entender e apoiar as crianças, orientando-as e nesse âmbito, destaca-se a responsabilidade do educador, compreendendo o desenvolvimento afetivo de seu educando. Ao observar as situações pelas quais os professores passam todos os dias, independente do grau de ensino em que lecionam, percebe-se como as suas concepções influenciam os alunos. É através de relação de cooperação e interação entre o adulto e a criança que acontecerá a determinação do desenvolvimento afetivo para a autonomia. Esse instante é um bom período para avaliar qual é o índice de afetividade entre educador e educando.

O desenvolvimento infantil se dá através de trocas não somente pelo júbilo das necessidades básicas, mas, pela edificação de novas relações sociais, com o predomínio da emoção social, e da própria emoção a respeito das atividades e para La Taille (1992), entendendo os pensamentos de Henry Wallon, a extensão afetiva é muito significativa e relevante quando diz respeito à construção do conhecimento e os intercâmbios emocionais devem se pautar pela qualidade, ampliando os caminhos da criança, levando-a a ir além da subjetividade e inserir-se no social.

Para Wallon apud La Taille (1992), emoção e inteligência são imprescindíveis no desenvolvimento da criança, e o professor deve lidar com o estado emotivo da criança para melhor poder estimular seu crescimento individual. A afetividade não é tão somente uma necessidade, mas, é uma etapa do desenvolvimento humano enquanto ser afetivo. Da afetividade, diferenciou-se lentamente a vida racional e o início da vida, afetividade e inteligência estão interligadas, mas, predominando a afetividade. Com isso, percebe-se que a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e essa, da afetividade.

La Taille (2003) explica a inteligência humana como um sistema cognitivo, aberto e fechado, aberto quando alimentado pela ação e percepção de informações que explora do meio social e físico, e fechado enquanto não é confundida com uma página em branco onde se depositariam informações simplesmente, mas, tem aptidão de para organizar. Na educação infantil, a relação entre educador e educando é constante e acontece por causa da afetividade que se dá o intercâmbio com objetos e construção de

conhecimentos envolventes. Assim, o educador serve de base para a criança, onde esta deposita suas observações, descobertas e construções e onde elas são aceitas e protegidas.

Conforme o pensamento de La Taille (2003), depois da família, o primeiro ambiente social da criança é a escola, a base da aprendizagem e oferece boas e reais condições para que o aluno sintá-se seguro e protegido. Portanto, é imprescindível a presença de um educador consciente da sua importância não apenas como transmissor, mas, como transformador que tenha a noção das reais condições que se apresentam seus alunos, fazendo-os refletir sobre seu papel na sociedade, mesmo em se tratando de educação infantil.

Para o educador La Taille (2003), a criança quando vai a escola pela primeira vez, necessita de boa receptividade, pois nesse momento sua vida familiar lhe é tirada parcialmente e ela inicia uma nova experiência, que deve ser agradável, quando a criança sente o carinho do educador por ela, paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitude democrática, a aprendizagem torna-se mais fácil e prazerosa e o professor por sua vez, quando percebe seu educando, suas habilidades, deve estimulá-lo para que auxilie e engrandeça a aquisição de conhecimento. O autoritarismo por sua vez, a incompreensão, estupidez, desinteresse pelo aluno, fazem com que este, perca a motivação e o interesse por aprender, já que, estes sentimentos são consequências da antipatia que tem pelo professor. A escola recebe crianças com autoestima baixa, tristeza, dificuldades em aprender ou de interação com os colegas, e muitas vezes são rotuladas de crianças problema, sem limites ou sem educação, desconsiderando que não compactuamos e nem nos aliamos a elas, não as tocamos e muito menos conseguimos entender o verdadeiro motivo que as deixou assim. A escola poderá facilitar o papel da educação nos tempos atuais, construindo pessoas plenas, priorizando o ser e não o ter, no caso o aluno, levando-o a criticidade e a construção do seu caminho.

O bem-estar emocional favorece o desenvolvimento natural da individualidade da criança e a constituição de qualidades que a tornam positiva, fazendo-a mostrar-se boa com outras pessoas (MUKHINA 1995, p. 210).

A placidez e a paciência do educador mesmo em situações difíceis fazem parte da paz que a criança precisa ter. Quando a criança observa e pondera sua ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de temperamento, ela medeia seus próprios conflitos e iras, sem pânico. A calma faz parte das sensações e percepções que garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos, transporta ao conhecimento tanto de educador e educando e vice versa.

Conforme Davis (1990) é na interação entre ambos, que fatores afetivos e cognitivos surgem e através desta mesma interação, alunos e professores constroem imagens do seu interlocutor, atribuindo-lhes determinadas características, intenções e significados. Surge a partir disso uma rede de expectativas mútuas entre educadores e educandos, que pode ou não ser harmoniosa. Para que haja o intercâmbio entre educador e educando, é preciso valorizar o pensamento para que ocorra a construção de conhecimento e a interpretação que o educador faz da postura do educando, tudo isso, sendo de fundamental importância. O professor deve estar atento aos acontecimentos, pois há muitas explicações para os diversos comportamentos assumidos por seus alunos, verificando quais delas explicam as intenções gerais. Além disso, o educador necessita compreender que os aspectos da sua própria identidade, seus anseios, preocupações e valores influenciam na sua conduta, longe de interações que ele mantém com seus educandos.

Concordando com Carvalho e Perez (2001), inúmeros professores se ocupam hoje de uma pedagogia de conteúdos sócio culturais, articulada a adoção de métodos que garantam a aprendizagem significativa para que avancem na construção de uma nova escola. A escola como integrante de uma sociedade, deve ter perspectivas e leis a respeito da educação e do funcionamento dos estabelecimentos de ensino. O objetivo da educação está em buscarmos um novo modelo, que deve ser o de revelar as qualidades interiores e exteriores que cada criança tem. Quanto mais autonomia e técnica o educador tiver, mais ele será capaz de definir as propriedades estabelecidas, referentes aos problemas e desafios encontrados na interatividade com seu educando, tornando a educação um instrumento de transformação do indivíduo

em um cidadão crítico, responsável, digno, empreendedor e participativo dentro do processo social.

Para o êxito do processo de ensino aprendizagem são necessários vários elementos, que são de suma grande durante os primeiros anos de vida da criança e além da presença da afetividade e sua importância, existe também o desenvolvimento cognitivo que está ligado diretamente ao período de adaptação do indivíduo com o meio, sendo que, essas e outras considerações serão apresentadas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2 - A AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL

Para que haja uma melhor compreensão sobre a afetividade na educação infantil, é necessário inicialmente compreender a Psicologia do Desenvolvimento Infantil, em especial o desenvolvimento cognitivo que Jean Piaget, através de suas pesquisas mostra a infância como sendo uma etapa decisiva para o desenvolvimento do indivíduo, caracterizando como período de adaptação ao meio corporal e social. A adaptação é a “equilibração”, que ocorre da infância até juventude e define a estruturação própria destes períodos existenciais.

Segundo Piaget (1975, p.154), “educar é adaptar o indivíduo ao meio social ambiente”.

No que se refere à educação infantil, é preciso considerar quatro itens básicos: o sentido da infância, a composição do pensamento da criança, as leis de desenvolvimento e a construção da vida do indivíduo enquanto ser social. (PIAJET, 1975, p.154).

Para Kullo (2002), o processo do desenvolvimento do aprender do educando requer o entendimento da área cognitiva, a compreensão do indivíduo como um todo, como raciocina, pensa, avalia, confere, repreende, releva, questiona, generaliza, busca e processa informações, aprende, descobre, pesquisa, cria, inventa, imagina e chega a conclusões. Exige também, um conhecimento da área de habilidades humanas, como aprender a se comunicar com o outro.

2.1 – Os Estágio do Desenvolvimento

Piaget (1975) em suas pesquisas notou que dependendo da faixa etária da criança, esta, tem diferentes modos de agir e pensar e nomeou essas faixas etárias como estágios ou períodos estabelecidos a partir do amadurecimento, do estímulo do lugar onde está inserido, da aprendizagem igualitária e intenção de equilíbrio. Cada um desses estágios tem forma reservada de equilíbrio e um

modo peculiar através do qual a criança constrói seu conhecimento e como a afabilidade se apresenta.

As crianças não podem pular fases do seu desenvolvimento, pois, são fases de grande importância para determinar qual o tipo de adulto, as mesmas se tornarão. Portanto, entender as fases motoras e cognitivas dos educandos é importante a fim de promover um desenvolvimento pleno da criança. Segundo Furtado (1999), existem quatro fases no processo evolutivo que caracterizam o que o indivíduo faz no decorrer das várias faixas etárias de seu desenvolvimento cognitivo.

O Desenvolvimento Cognitivo advém das modificações de papéis inatas ou mesmo biológicas como a percepção, cautela involuntária, conhecimento, assimilações simples inserida nos estágios culturais – elaboração de modos socioculturais de “conhecer, de perceber, lembrar, atentar, simbolizar, conceituar/significar, raciocinar, sentir, agir, se relacionar com os outros e consigo mesmo” (SALVADOR, 1999, p.125).

Para Furtado (1999) geralmente todos vivenciam essas fases numa mesma sequência, mas, o começo e o fim podem variar em decorrência das características do indivíduo e dos estímulos aos quais ele foi submetido.

Piaget (2010) apresenta os quatro estágios de desenvolvimento em estágios de evolução mental, em que cada um deles corresponde a um período do pensamento e o comportamento infantil é assinalado por uma maneira característica de informação e raciocínio, destacando que a transição de um estágio para o outro é gradual, mas, a passagem pelos estágios acontece em ordem.

2.1.1 Período Sensório-motor (0 a 2 anos)

La Taille (2003) relata que Piaget usa a passagem do caos ao cosmo para explicar o que a pesquisa sobre a construção do real descreve, e explica que a criança nasce em um mundo desordenado com elementos que sumiriam quando não estão dentro a sua área de observação, e em forma de providência com tempo e espaço particular, e causalidade reduzida ao poder das ações. No bebê, as colocações mentais abordam as atividades dos aparelhos reflexos inatos e o universo da criança é difundido mediante a percepção e as agitações

dos olhos e a sucção. A criança vai aperfeiçoando tais movimentos e chega ao final deste período já percebendo objetos e espaços.

2.1.2 Período pré-operatório (2 a 7 anos)

Para Piaget (1977) apud La Taille (1992), o que marca a passagem do período sensório-motor para o pré-operatório é o aparecimento da função simbólica ou semiótica, a emergência da linguagem que é considerada como uma condição necessária, mas não suficiente ao desenvolvimento, o que significa que o desenvolvimento da linguagem depende do desenvolvimento da inteligência da criança. Esse período é caracterizado pelo egocentrismo, pois, a criança não aceita uma realidade na qual não pertença e ainda não se apropriou de esquemas conceituais e de lógica.

Para Delgado (2005), a imitação é muito importante, pois, demonstra que a criança desenvolveu a capacidade de recordar o comportamento que está imitando. Portanto, como a criança tende a imitar o adulto é muito importante que o adulto se proponha a apresentar apenas bons exemplos para ela.

Segundo Rappaport (1981), nesse estágio, embora, a criança apresente a capacidade de atuar de forma lógica e coerente em função da aquisição de esquemas sensoriais motores na fase anterior, apresentará, paradoxalmente, um entendimento da realidade desequilibrado em função da ausência de esquemas conceituais.

A natureza livre do jogo simbólico tem um valor essencialmente funcional e não é uma simples diversão. O jogo simbólico passa a ser um fórum de ideias, de pensamentos e de coisas afins (PIAGET, 1971, p. 68).

E Delgado (2005) defende: que outra maneira de reprodução é o uso da linguagem, que permite uma troca de informações com os outros, mas garante que por conta do egocentrismo presente nessa fase, mesmo brincando umas com as outras, há um monólogo coletivo, quando falam sem se incomodarem em ser ouvidas, interessando-se apenas pelas suas falas, que não são apontadas para ninguém ouvir além delas mesmas. O pensamento pré-

operacional é vagaroso, mas, sólido, irreversível, pois, repete aspectos reais, sendo por isso muito difícil para a criança pensar ao contrário ou imaginar como reverter os passos de uma tarefa.

2.1.3 Período das operações concretas (7 a 11, 12 anos)

Para Rappaport (1981), neste período o egocentrismo dá lugar urgência em estabelecer relações e coordenar pontos de vista diferentes tanto próprios como de outros e colocá-los de modo coerente. Outro fator importante é o aparecimento da capacidade de interiorização de ações, a criança começa a realizar operações mentalmente e não apenas através de ações físicas, exemplificando, ela sabe distinguir um objeto maior que outro apenas olhando, sem precisar medi-lo, lembrando que os objetos devem ser concretos para que isso ocorra. Também vale ressaltar que nesse período inicia a capacidade de pensar ao mesmo tempo no início e fim de alguma transformação.

Nesta fase, a criança descentra suas percepções, acompanhando as transformações, e o que é mais importante, ela alcança a reversibilidade das operações mentais (DELGADO, 2005, p. 60).

Delgado (2005) apresenta também outra ideia, de que outra característica importante é o fato de que duas operações, a seriação e a classificação se desenvolvem. Define a seriação como sendo a capacidade de organizar mentalmente elementos e colocá-los em ordem de tamanho, peso ou volume, e consegue colocar por ordem de tamanho uma série de componentes iguais e variantes, mesmo que pequenas em seus tamanhos. O conhecimento infantil sobre seriação é construído durante um período de vários anos. Cada progresso é um novo balanceamento em suas ideias. A classificação é conseguir organizar os objetos conforme seus atributos. Dependendo da idade, a criança conseguirá utilizar um ou mais dos atributos dos itens de organização. Durante este estágio os afetos adquirem mais estabilidade e consistência. O que leva a criança a realizar operações reversíveis interiorizadas, que se apresentam no julgamento afetivo infantil.

É quando aparece o senso de justiça e o respeito mútuo fica mais evidente. Piaget (1992, p. 79) defende “os conceitos de justiça mudam à

medida que as crianças se desenvolvem”. Desenvolvem também, uma compreensão melhor de leis e regras.

2.1.4 Período das operações formais (12 anos em diante)

A criança adquire autonomia, conseguindo raciocinar sobre hipóteses na medida em que é capaz de formar esquemas conceituais abstratos e através dos mesmos executar operações mentais dentro de princípios da lógica formal tendo capacidade de criticar os sistemas sociais e propor novos códigos de conduta, além, de discutir valores morais de seus pais e construindo os seus. Segundo a tese de Piaget (1992), nessa fase o indivíduo adquire a sua forma final de equilíbrio, consegue alcançar o padrão intelectual que persistirá durante sua idade adulta.

No que se refere ao pensamento de Rappaport (1991), esta será a forma predominante de raciocínio utilizada pelo adulto. Seu desenvolvimento posterior consistirá numa ampliação de conhecimentos tanto em extensão como em profundidade, mas, não na aquisição de novos modos de funcionamento mental.

Segundo La Taille (1992 p.21), “o desenvolvimento cognitivo é condição necessária ao pleno exercício da cooperação, mas, não condição suficiente, pois, uma postura ética deverá completar o quadro”.

Para Delgado (2005, p. 70-72), é a fase da “distinção entre o real e o possível”. O adolescente, ao tomar conhecimento de um problema, é capaz de prever as relações que poderiam ser válidas e logo procura analisar qual delas tem real valor. “O pensamento liberta-se da experiência direta e as estruturas cognitivas adquirem maturidade”. Surge a capacidade de pensar sobre hipóteses, sobre o futuro e fazer uma reflexão sobre seu próprio pensamento.

Em Delgado (2005, p.74), a consequência afetiva, é “sentimento de justiça”, que influencia nas relações entre crianças e adultos até em determinados casos mudar as atitudes em relação aos pais. A cooperação entre crianças e o respeito são fundamentais para o desenvolvimento do senso de justiça e conceito de valores morais.

Piaget (1971, p. 98) conclui que “esses fatos ocorrem pelo desenvolvimento intelectual e efetivo normal e necessário que tem lugar

durante a aquisição das operações formais”. Assim, a gênese da personalidade se dá na medida em que o adolescente vai se adaptando com a fase adulta.

2.2 – Desenvolvimento Motor

Para Piaget (1975), o homem possui uma estrutura biológica de desenvolvimento mental que não assegura seu desenvolvimento se não houver interação do indivíduo com o meio e com o objeto, e essa relação não é suficiente para o desenvolvimento cognitivo humano, pois, para esse, é necessário o exercício de raciocínio. A preparação do pensamento lógico requer reflexão e tudo isso confirma que, ao expor a procedência da construção do pensamento lógico, Piaget enfoca seu processo interno. Simplificando, o desenvolvimento humano, é elucidado com a ideia da existência de relações interdependentes entre o sujeito e o objeto.

A teoria da equilibração trata de um ponto de equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, sendo considerada como um mecanismo auto-regulador, necessária para assegurar à criança uma interação eficiente dela com o meio-ambiente. Todo esquema de assimilação tende a alimentar-se, isto é, a incorporar elementos que lhe são exteriores e compatíveis com a sua natureza obrigado a se acomodar aos elementos que assimila, isto é, a se modificar em função de suas particularidades, mas, sem com isso, perder sua continuidade (PIAGET, 1975, p.14).

Mediante essa ideologia, Piaget (1975) determina que o equilíbrio ligado à cognição, implica garantir a presença indispensável de adaptações nas composições, bem como a permanência de tais estruturas em caso de adequações bem sucedidas. O funcionamento da inteligência: assimilação e acomodação.

Para Maranhão (2009), no desenvolvimento psicomotor o padrão motor é uma série de movimentos para alcançar um objetivo que ocorre em três fases: preparatória, ação e contínua e os elementos do movimento são o tempo, o peso, o espaço e a forma. Para que a criança esteja pronta para movimentos perceptivos, motores e espontâneos é indispensável adotar o desenvolvimento dos movimentos básicos, que são fundamentais.

Segundo Maranhão (2009), dos 4 a 5 anos a criança sai do corpo vivido e se apropria do corpo percebido, seus movimentos e reflexos são involuntários e executados sem consciência em retorno a um estímulo. Com a complexidade do indivíduo em si, a seguir apresentar-se-ão os estágios de aprendizagem para a leitura e apreciação, pois, quando se trabalha com crianças é necessário que haja interação e conhecimento de atividades que façam a aproximação entre educador e seu educando.

2.2.1 Estágios de aprendizagem

Segundo Maranhão (2009), o desenvolvimento básico dos reflexos baseia-se em: equilíbrio em um pé só, andar sobre uma linha de curvas e formas diferentes, distender o corpo em variados níveis e direções, conduzir objetos na cabeça, correr para perto e longe de objetos em movimento. Essa fase é a mais crítica para que o desenvolvimento motor seja correto. Normalmente a criança desenvolve pela prática e seus movimentos podem ser: Locomotores:- rastejar, andar saltar, pendurar, rastejar. Não Locomotores: puxar, empurrar, virar, curvar. Manipulativos: Copiar, prender. No estágio perceptivo motor a criança interpreta antes de responder a um movimento. Importantíssimo para o desenvolvimento da inteligência a partir das habilidades físicas que determinam os movimentos. Essas habilidades são relativas ao esporte e à dança. Os movimentos criativos são aqueles realizados através da comunicação, ocorre nesse momento o desenvolvimento motor expressivo e interpretativo que se dá através de estímulos motivadores como, por exemplo, artes visuais, música e outros.

Para Maranhão (2009), o educador deve ter consciência de proposta de trabalho e estar de acordo com o Planejamento da escola e reais necessidades dos alunos, portanto, é necessário conhecer e seguir até onde se quer com a dedicação e o conhecimento adquirido. Portanto, é de grande importância conhecer os estágios de aprendizagem e suas principais características.

A vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os

interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura (PIAGET, 1971, p.271).

2.2.1.1 Imitação

Segundo Maranhão (2009), a criança imita o que vê, sendo que, esse movimento é carente de coordenação, é uma forma imperfeita e ocorre com crianças de até 3 anos de idade.

2.2.1.2 Manipulação

A criança realiza a ação partindo de orientações que lhes são direcionadas e não se baseiam apenas em observações.

2.2.1.3 Conceituação

Durante aproximadamente os 4 ou 5 anos, na fase pré-escolar, a criança alcança a perfeição, o equilíbrio e outras habilidades de precisão.

2.2.1.4 Discriminação

A criança coordena ações em sequências adequadas, surgem habilidades motoras rítmicas e a complexa coordenação óculo-motora como: bater o balão com as mãos abertas procurando mantê-la no ar; arremessar uma bola de meia ou sacos de areia num balde ou caixa com fenda de tamanho igual ao da bola, encaixar pinos de madeira, jogar bilboquê e outros.

2.2.1.5 Naturalidade

Atinge o desempenho mais alto de capacidade as respostas são automáticas e espontâneas.

2.2.1.6 Movimentos e atividades de dança

A execução das atividades motoras grossas ocorre junto ao desenvolvimento integral da criança como estímulo do autoconceito, movimentos com conhecimento das partes do corpo e do que o corpo pode executar como a imagem corporal através de atividades como: esconder partes do corpo; mover braços, cabeça, pernas e pés de maneira ritmada; colocar objeto sobre diferentes partes do corpo; transmitir mensagem usando as diferentes partes do corpo; desenhar partes do corpo num papel; mover parte do corpo em determinada direção; tocar diferentes partes do corpo com os olhos fechados, brincadeiras com comandos, espelhar-se num parceiro imitando seus movimentos.

2.2.1.7 Coordenação

Andar, correr saltar; andar de lado; andar para fora e calcanhares unidos, correr com as mãos sobre a cabeça, com as mãos nos quadris, com as mãos presas às costas, na ponta dos pés, saltitar nos dois pés, num pé só, para frente e para trás e para os lados.

2.2.1.8 Empurrar e puxar

Cabo de guerra: dois a dois usando corda curta; cobra: deitar em decúbito dorsal, braços estendidos sobre a cabeça, deslizar o corpo no solo, inclinar o quadril na linha da cintura, para ambos os lados; peixe: em decúbito dorsal, no solo, executar movimentos de nadar; urso: andar em quatro apoios, movimentando ao mesmo tempo, os dois braços as duas pernas.

2.2.1.9 Atividades de equilíbrio

Subir escadas, levando o joelho o mais alto que conseguir; imitar animais; andar ajoelhada com as mãos no ar; passo de pato: com as mãos

seguras nas costas, em forma de cauda, andar inclinada ou agachada para frente ou qualquer outra variação; saltitar para a frente sobre dois pés e apoio com as mãos no solo.

2.2.1.10 Atividades de Conscientização do Corpo

Para Maranhão (2009), a criança necessita de atividade que envolva os dois lados do corpo, para que tenha o máximo de eficiência em seus movimentos, deitada de pés elevados, braços estendidos e deslizá-los sobre as partes do corpo que são citadas.

2.2.1.11 Atividades de consciência espacial

Usar a imaginação da criança, pedindo que ela seja, por exemplo, uma árvore, e que procure ser a mais alta que puder e a mais baixa possível, mover-se, e outros movimentos mais.

O homem realiza sua comunicação através da linguagem verbal, de gestos, movimentos, olhares, forma de caminhar e linguagem corporal, e assim, vimos através dessas atividades a importância da afetividade para a aprendizagem e o desenvolvimento global do educando.

Segundo Antunes (2004), além da coragem e do arrojo, o ser humano é único em ter crenças que não aceitam explicações ilógicas, inventando respostas que progressivamente são mudadas, faz dos seus sentidos instrumentos para aprender e obter conhecimentos, aprende quando ouve, fala e quando usa os sentidos. O ser humano tem sentidos que se desafiam entre si. Ensinar é exacerbar a sensibilidade para o som, a acuidade para o tato, libertar o olfato, e o professor, por obrigação deve levar a seus alunos o que a vida não lhe deu, ninguém deve nos instruir a correr, mas, alguém que tenha esse objetivo pode nos levar aonde não chegássemos sozinhos.

Assim, seguindo pela importância da afetividade durante todos os estágios de desenvolvimento, pode-se concordar e analisar o pensamento de Saltini:

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores (SALTINI, 2008, p.15).

2.3 – Coordenação Motora

Para Fonseca (1989), muitos conceitos podem ser aprendidos através de atividades motoras e o conhecimento pode ser alcançado pelo reforço no domínio psicomotor. Conhecimento requer percepção, concentração e prática, e a identidade e validade dos conceitos que utiliza para se autenticar mostram uma síntese sem nenhum questionamento entre o afetivo e o cognitivo, encontrando-se no sistema motor, sendo assim, a coerência do funcionamento do sistema nervoso em cuja consistência maturativa surge uma mente que transporta imagens e aspectos e que resulta da aprendizagem de um contexto sociocultural e sócio histórico.

2.3.1 Coordenação Motora Fina

De acordo com Maranhão (2009), é a capacidade de controlar pequenos músculos para exercícios refinados como colagem, encaixe, escrita, recorte e outras.

2.3.2 Coordenação Motora Global

Possibilita o controle e a organização da musculatura ampla para a realização de movimentos complexos como correr, saltar, andar, rastejar e outras tantas.

2.3.3 Estruturação Espacial

Orientação e estrutura do mundo exterior, partindo do Eu e o depois em relação com outros artifícios ou indivíduos em posição parada ou não, que consiste na consciência da relação do corpo com o meio.

2.3.4 Organização Temporal

Capacidade de avaliar tempo dentro da ação, organizar partindo do ritmo particular, situar o presente em relação ao passado e ao futuro, avaliar o movimento no tempo, assinalar o rápido do lento, saber situar o momento do tempo em relação aos outros.

2.3.5 Estruturação Corporal

Relação com o mundo externo, conhecimento e controle de seu corpo e suas partes e adaptação deste com o meio ambiente.

2.3.6 Imagem Corporal

Experiência do indivíduo em relação ao próprio corpo sujeito, impressão subjetiva.

2.3.7 Conhecimento Corporal

Conhecimento intelectual que se tem do próprio corpo.

2.3.8 Esquema Corporal

Conforme Maranhão (2009), a tomada de consciência de cada segmento do corpo interna ou externamente, o desenvolvimento do esquema corporal se dá, a partir de experiências, disponibilidades do conhecimento que tem sobre o próprio corpo e a relação com o mundo.

2.3.9 Lateralidade

Conscientização simbólica dos dois lados do corpo, esquerdo e direito, relacionado com a orientação face aos objetos, em que este pressuponha a noção de direita e esquerda e, sendo que a lateralidade com mais força, exatidão, primazia, agilidade e coordenação, melhor capacidade e dominância cerebral.

Portanto, conforme Mouly (1979) afirma, a aprendizagem refere-se a mudanças de comportamento resultantes de experiências, e, se o objetivo da aprendizagem é tornar um indivíduo mais capaz de lidar com situações semelhantes em seu ambiente, primeiro é necessário familiarizá-lo com seu meio e os meios metodológicos integrando o processo de aprendizagem, com a possibilidade de se autoconhecer, explorar-se de acordo com o ambiente, e a busca pela totalidade do seu Eu e priorizar um desenvolvimento em que se estimula um indivíduo dinâmico, criativo, capaz de considerar valores do seu desenvolvimento através de atividades diversificadas, atraentes e conscientes, interagindo com a sociedade estimulando a construção do conhecimento por meio das estruturas de desenvolvimento.

Diante do exposto anteriormente, vê-se claramente que todo o desenvolvimento do ser humano, tanto no que diz respeito ao ser social, quanto ao potencial corporal depende de como ele vê o seu próximo, como o imita, como o admira e como a afetividade é importante para todo esse processo. Assim, no próximo capítulo o assunto é a afetividade docente e afetividade infantil.

CAPÍTULO 3 - A AFETIVIDADE DOCENTE X AFETIVIDADE INFANTIL

“A presença do adulto dá à criança segurança física e emocional que a leva a explorar mais o ambiente e aprendendo conseqüentemente (PORTO, 2007, p. 26)”.

Segundo Freire (1996), "quem forma se forma e reforma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado". Seguindo por esse pensamento, vê-se, como imprescindível a educação integral, visando o real e complexo desenvolvimento e o entendimento de que a interatividade entre educador e educando é uma das melhores ferramentas para o sucesso da formação do indivíduo.

Para Garcia; Rosa (1978), a criança constrói a sua identidade, ou seja, o que a diferencia de outros indivíduos e interage com seus desejos e com o tratamento dispensado por adultos, principalmente pela mãe.

Saltini (2002) ressalta que o educador precisa conhecer a criança não somente biofisiológica e psicossocialmente, mas, na interioridade, no que diz respeito a seus sentimentos e anseios, carências, desejos e angústias, sempre procurando compreender seu mundo.

Voltando ao pensamento de Porto (2007) o papel do educador é de aprontar e formar o universo onde seu educando vai atuar, afim de que este se interesse e busque estar ali. O professor deve mostrar sua sensibilidade ao transmitir para seu aluno assuntos de seu interesse, e encorajá-lo a criar, recriar, modificar e transformar seus conceitos.

Segundo Saltini (2002, p. 87-88), “a criança precisa ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que haja um aprendizado e a função do educador é bem distinta para cada idade e pensamento do educando”.

Libâneo (1994) defende que o educador é autoridade e estabelece objetivos sociais e pedagógicos, selecionando e organizando conteúdos, escolhendo métodos, organizando a sala de aula, mas ao mesmo tempo deve direcionar seu aluno para que seja autônomo nas suas ações.

Para Wallon (2010), entre a mesma emoção e atividade intelectual, o sentido de uma circunstância se atribui pelas atividades que desperta, pelas disposições e atitudes que provoca.

Woolfolk (2000) diz que os educadores são os mais indicados para ajudar alunos com problemas interpessoais e emocionais quando não têm uma vida familiar dentro dos padrões de normalidade, pois o professor se apresenta como uma referência de firmeza quando estabelecem limites claros, consistentes, aplicam regras firmes, mas, não punitivamente, respeitando o educando e mostrando que se preocupa com ele.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996, p. 96).

Arruda e Borges (2011) defendem que a aprendizagem e a afetividade devem caminhar juntas, pois partindo da afetividade do educador a criança confia, sendo que algumas barreiras na aprendizagem são superadas com o carinho, a firmeza e a proposta de várias estratégias de construção do seu conhecimento, fazendo do educador uma referência para seu aluno e uma motivação para seu crescimento e sucesso.

O conhecimento que o professor pretende transmitir precisa ter algum significado para seu educando que precisa desejar adquirir o conhecimento, ter condições de aprendizado, estar disposto e esforçar-se para aprender.

Para Freire (1996), o educador é facilitador, não é o que ensina, mas, o que oferece as ferramentas necessárias para que o educando, tenha autonomia em suas opiniões, questionamentos, posições, resolução de problemas, tomada de decisões, trabalhos em grupo e uso de recursos disponíveis para o seu melhor aprendizado. A condição essencial para que o educando tenha bons resultados, é a recíproca relação de confiança, respeito e segurança com seu educador.

Segundo Devries (1998), temos de incentivar os educandos a darem frutos em sua existência com sabedoria e conhecimento porque um ser humano tem de ser consciente da sua realidade interior. É importante a

formação de indivíduos capazes de conhecerem-se a si mesmos e analisarem sua realidade, buscando soluções para seus problemas e estabelecendo normas para conduzirem sua própria vida, não há melhor forma de transmissão de conhecimento do que o exemplo.

Devries (1998), ainda pontua que o professor é o suporte para a aprendizagem e sendo assim, sua função é levar o aluno adiante, cabendo-lhe a incumbência de se esforçar para que o aprendizado aconteça e depende de vários fatores esse acontecimento.

Para Kullok (2002), no processo de ensino aprendizagem, o aluno é o sujeito, o construtor, e o desenvolvimento e a aquisição de conhecimento ocorre naturalmente quando há um bom relacionamento entre os atores do processo, educador e educando, educando e educando através de colaboração de uns com os outros.

Segundo Coll (1994), o professor é o consultor, articulador, intercessor, conselheiro, conhecedor e facilitador do processo em desenvolvimento pelo aluno que aprendendo a viver em sociedade passa a ser o principal alvo da educação, pois, a eficácia do processo de ensino e de aprendizagem está no comportamento tanto de professor quando de aluno. É necessário que se pense em compromisso, diálogo e compartilhamento, auxiliando sua aprendizagem, do sujeito que ensina com a sua aprendizagem e que acaba aprendendo com o seu aluno. Esse envolvimento de educadores e educandos são de grande importância, pois, se envolvem conceitos de atitudes, valores e procedimentos, favorecendo o desenvolvimento de capacidades física, ética, estética, afetiva, intelectual, de relação e inserção social, o embasamento em princípios éticos como: respeito, diálogo, justiça e solidariedade.

Piaget (1971) ressalta que essa relação deve ser de diálogo, porque o adulto necessita saber do que seu aluno precisa e assim, a educação torna-se um instrumento de transformação do indivíduo para que seja um cidadão crítico, responsável, digno, empreendedor e participativo, é imprescindível uma relação de interações e atividades adequadas.

Antunes (1999) destaca o diálogo como essencial para o êxito das relações, acredita-se muito no diálogo como arma para combater o que afeta muitos de nossos jovens.

Para Alves (2000, p. 5), “ensinar é um estágio eterno e continuamos a viver naquele, cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra e assim sendo o professor é imortal”.

Afetividade não é só carinho, é o cuidado com o outro, o respeito por suas ideias e posições, é ouvir, deixar falar, compartilhar sentimentos e até mesmo pequenos gestos que farão a diferença.

Essa inter-relação é o fio condutor, a base e o suporte afetivo do conhecimento, atitudes e gestos positivos são como que alentos para o desenvolvimento e mais ainda na educação infantil, a relação entre educador e educando deve acontecer constantemente durante o dia a dia. O educador serve de continente, ou seja, o espaço onde se podem depositar as pequenas construções e onde elas são acolhidas e valorizadas, como o embrião no útero. “A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado” (SALTINI, 2008, p. 100).

Os tentames afetivos nos anos iniciais da vida são primordiais para o estabelecimento de princípios, valores e padrões de conduta emocionais.

Segundo Leite (1982), a relação de educador e educando vai além de como o professor trata os conteúdos, mas, sua atitude dialógica surge daí, o que facilita o entendimento dos conhecimentos adquiridos na fase acadêmica, o que ela abre espaço para aprendizagens valorativas que ultrapassam os limites acadêmicos, provocando diferentes formas de aceitação do eu e do outro que, afetarão o modo de operar desses elementos na sociedade.

Leite (1982) ainda defende que é certo que é o professor quem regula o tempo, o espaço e as formas da relação, mas, cabe a ele a iniciativa de criar, modificar, dinamizar e aprimorar o ambiente para a prática, sendo também através dessa prática que poderá atingir o corpo e a mente do seu aluno, tocando seu pensamento, imaginação, suas necessidades intelectuais e afetivas. Para o autor, os professores tendem a provocar os comportamentos que mais temem no outro. Por isso importância do autoconhecimento não só para o aluno, mas, para o professor que deve manter a ordem e a importância do comportamento dos outros que se estabelecem em contraste, pois, muitas das vezes não são discutidas posteriormente.

Outro fator importante mostrado por Leite (1982) é a dificuldade do professor em transmitir valores, ele tem uma formação diferente do seu aluno, o que marca a relação. É preciso que todos sejam capazes de compreenderem o comportamento do outro, isto não é mostrar diferenças, mas mostrar que diferentes comportamentos têm muitas vezes o mesmo sentido e através das diferenças somos capazes de compreender a sua humanidade mais profunda, através da compreensão eliminamos muitas de nossas perplexidades e obtemos maior resultado, sendo possível o impedimento de comportamentos hostis no tratamento dos educandos, pois, muitas vezes a revolta é resultado do comportamento e vice-versa.

É importante formarmos indivíduos capazes de conhecerem-se a si mesmos e analisarem sua realidade, buscando soluções para seus problemas e estabelecendo normas para conduzirem sua própria vida.

Através de leituras e pesquisas, lendo sobre a experiência de Robert Rosenthal e Lenore Jacobson que ocorreu em uma escola elementar pública nos Estados Unidos é possível fazer uma análise simples e objetiva sobre a importância da afetividade entre educador e educando.

Na citada experiência, ocorre que no começo do ano, os investigadores deram aos estudantes um teste de inteligência "o teste de Harvard da aquisição inflected. Disseram aos docentes que além dos quocientes de inteligência (IQs), poderiam também identificar aqueles estudantes que fariam o progresso intelectual rápido, acima da média no próximo ano, se não eram bons estudantes. Antes do próximo ano começar, os professores receberam os nomes daqueles estudantes que, na base do teste, poderiam ter sucesso. Na realidade, Rosenthal e Jacobson tinham escolhido aleatoriamente estes nomes da lista da sala de aula. Na verdade, todas as diferenças entre estas crianças e o descaso da classe existiam somente nas cabeças dos professores. Um segundo teste da inteligência foi administrado no fim do ano.(ROSENTHAL & JACOBSON, 1968)

Aqueles estudantes que tinham sido identificados como "os spurtersacademic" mostraram, na média, um aumento de mais de 12 pontos em suas contagens do IQ, comparados a um aumento de oito pontos entre o descanso dos estudantes. As diferenças eram mesmo maiores nas classes adiantadas, com quase metade dos alunos que mostram um aumento do IQ de

20 pontos ou mais. As avaliações subjetivas dos professores, tais como classes da leitura, mostraram diferenças idênticas. Os professores também indicaram que estes estudantes "especiais" tiveram comportamento melhor, foram mais curiosos, tiveram umas possibilidades maiores para o sucesso futuro, e foram mais amigáveis do que os outros. Rosenthal e Jacobson concluíram que os professores tinham incentivado e acompanhado os alunos e viram desempenho maior do que esperavam. Não somente gastaram mais tempo com eles, mas eram também mais entusiásticos ao ensiná-los e mostravam-lhes involuntariamente maior atenção que aos outros estudantes. Em consequência, os estudantes especiais sentiram-se mais capazes e inteligentes. E executaram conforme se esperava. (ROSENTHAL & JACOBSON, 1968)

Analisando por esse aspecto, a contextualização dos conhecimentos, afetividade, as competências e habilidades construídas e a prática educativa efetivada entre educador e educando, depende da expectativa com relação aos educandos. Os professores possuem experiência, prática, conhecimento e no conceito em que questiona essa vivência, sempre reinventa, recria e resinifica as relações escolares, não havendo como não perceber durante a formação acadêmica a distância entre teoria e prática, quando o saber prático fica deixado de lado.

Perrenoud (1998) nos alerta sobre a importância de se pensar essa formação, pois, a prática reflexiva é adquirida desde o início da formação e passa a ser característica inerente do fazer profissional, tornando uma identidade própria dele. A prática é fonte de conhecimento extrapolando um simples meio de efetivação e atuação de um novo saber. A rotina é imposta ou aceita acriticamente, não permitindo reflexão, e o que é hábito é individualizado e fundamentado no contexto de cada professor em particular. Surge com isso a importância da não rotulação das crianças que às vezes já chegam sem nenhuma perspectiva na escola devido a sua realidade social, econômica e não têm expectativa nenhuma de sucesso. Muitos professores tem um conceito negativo de seus alunos, depositam poucas expectativas nos mesmos e através da pesquisa de e Jacob e Rosenthal percebe-se que o pior que pode acontecer é o professor não ter qualquer tipo de expectativa sobre seu aluno, ou seja, o aluno lhe ser indiferente.

CAPÍTULO 4 - A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO DA FAMÍLIA E A ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O homem foi feito para viver com seus semelhantes, e é realmente notável a capacidade infantil para apreender as relações humanas, mesmo as aparentemente sutis e menos explícitas (PATTO, 1982, p. 236).

Segundo DeVries e Betty Zan (1998), a ética está diretamente ligada às decisões, princípios e valores que direcionam as relações humanas, valendo por tempo indeterminado para todos os indivíduos, mas não vem sendo colocada em prática na sociedade atual, principalmente no que diz respeito à criação dos filhos.

Existem várias formas de educar, mas particularmente a educação vem mais forte quando há conexão entre pai e filho que cria o verdadeiro elemento extrator das potencialidades daquela mina citada anteriormente e o objetivo da educação está entre pais e filhos, pois buscam um novo modelo, que deve ser o de revelar as perfeições interiores e exteriores que cada criança, adolescente ou jovem tem.

Como educadores e pais devemos repensar as atitudes tomadas, porque se começarmos a mudar as concepções partindo de dentro de nossos lares, certamente quando nossos educandos chegarem às nossas salas de aula o desenvolvimento será bem maior.

A escola de qualidade, citando opinião pessoal, é a escola que ajuda nas ações. Devemos juntar as diferentes etapas do processo de educar, assim, conseguiremos apresentar novos modelos de relacionar, pais, filhos e educadores, que caminhem juntos, com compromisso e envolvimento de todos pela educação, na concepção, no desenvolvimento e na avaliação das ações com intervenções pedagógicas ou promoção de aprendizagem significativa que insira o aluno no dia-a-dia das questões sócio, políticas e econômicas, destacando valores éticos, num universo cultural maior. Buscar qualidade e eficiência no processo ensino aprendizagem é o principal objetivo da escola

através de atuações dinâmicas e eficazes, utilizando-se dos conteúdos básicos do currículo e embasando-se na realidade vivida pelos educandos, família, educadores e comunidade.

Segundo Gadotti (2000), a tendência que predomina é a transmissão e incorporação, considerando a incorporação de conteúdos pelo aluno como a finalidade essencial do ensino. Alguns defendem a posição de indiferença em relação aos conteúdos, considerando-os apenas suporte para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, outros acusam a determinação prévia de conteúdos como uma afronta às questões sociais e políticas vivenciadas pelos diversos grupos, mas, vemos que a diferença está na função que se atribui aos conteúdos dentro do contexto escolar, e em decorrência disso, as diferentes concepções quanto à maneira como devem ser relacionados e tratados, porque, estes assumem papel central e através deles os propósitos da escola são manifestados por meio das ações pedagógicas e por melhor que seja a escola, e por mais bem preparados que estejam seus educadores, a criança necessita de uma base familiar concreta e participativa.

Como defende Coll (1994), se cada um cumprir com seu papel, pais, professores e alunos, nosso futuros cidadãos serão cada vez mais críticos, independentes e terão plena consciência dos significados de palavras como tolerância, gratidão, respeito, companheirismo, amizade, limites, sim e não e teremos um mundo melhor.

Vemos que não é fácil definir um papel para educação, sociedade e escola no contexto sócio cultural atual, pois, a escola transformou-se em família, ou faz papel de família para o educando, não existindo uma separação, de papéis.

Pais com poucos privilégios sociais, os quais em primeiro lugar lhes são aplicadas medidas coercitivas para levar seus filhos às escolas. A divisão que equilibra as responsabilidades conferidas à pais e professores na educação da infância e da juventude, é um produto no qual se misturam influências da biologia, da cultura e da pressão política (WYNESS, 1996).

A escola convive com situações inusitadas de violência, drogas, falta de estrutura familiar e tantas outras, não só no trabalho pedagógico propriamente

dito, mas em todos os aspectos relacionados com a afetividade, com a formação da cidadania, ética, autoestima, entre outros.

Gadotti (2000) relata que educar envolve compromisso e a eficiência do processo é primordial quando ocorre com uma aprendizagem significativa que leve a inserção de nossos educandos nas questões sociais, políticas e econômicas, destacando valores éticos, num universo cultural maior. A intenção é de focar na transmissão e incorporação, considerando como aquisição de conteúdos pelo aluno como a finalidade essencial do ensino.

O mesmo autor ainda ressalta que nesse âmbito, através da educação, os indivíduos são enriquecidos com conhecimentos adquiridos, e existem várias maneiras de educar, mas a educação tem mais raiz quando sai de dentro de casa e atualmente, a tendência é colocar a toda responsabilidade da educação dos filhos em cima da escola, pois os pais trabalham muito, não têm tempo, não têm informação, não têm instrução e acreditam que a escola deve educar seu filho.

Para Coll (1994), quando pais, professores e alunos cumprirem seu papel, certamente nossos futuros cidadãos serão cada vez mais críticos, independentes, terão consciência, atuando com tolerância, gratidão, respeito, companheirismo, amizades, limites, viverão um mundo melhor, pois, todos esses aspectos estão relacionados à socialização do indivíduo, e faz com que ele se insira perfeitamente na escola e seja participativo do processo de escolarização. Não é fácil definir um papel para educação, sociedade e escola no contexto sócio cultural atual, porque a escola transformou-se em família e a família transformou-se em escola. Não há separação, os papéis ao mesmo tempo estão trocados, certos pais fazem papel de professores e vice-versa, isso é o chamado profissionalismo docente paternalizado, e um paternalismo escolarizado, com vários limites e percepções confusas.

Seguindo o pensamento de Mussak apud Patto (1982), “educar é ensinar a pensar”, para Garcia (1998), ensinar é mostrar horizontes a serem seguidos pelo educando, deixando-o livre para encontrar a melhor forma de alcançar sua meta. A sociedade atual privilegia o conhecimento, então podemos dizer que vivemos na era do conhecimento.

Segundo Patto (1982), o educador quer educar, e a escola é a coadjuvante principal da educação, mas, precisa e depende de parcerias tais

como a família principalmente. O aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser, não consegue completar-se a não ser na consciência de um ser múltiplo, fruto de um ambiente múltiplo, em que cada parcela comparece com sua porção. É preciso mais eficácia ao se firmar compromissos, tanto com educadores quanto com educandos, pois, a expectativa que se faz está na educação. Espera-se muito dos professores e das escolas, muitas vezes deixando toda responsabilidade em cima dos mesmos.

Patto (1982) afirma que nossas crianças estão muito mal preparadas para a vida e para a sociedade, abandonaram-se os princípios, valores e limites, pois a questão é complexa e se quase toda uma geração chega à escola sem princípios, é porque em sua época os princípios caíram, e se caíram não há como querer ressuscita-los, e, sendo assim é quase impossível se formar cidadãos responsáveis e humanos. Espera-se que o sistema educacional seja mediador para que perpetue as crenças e culturas, apesar de ensinar a ciência e a tecnologia. Tendo o devido cuidado para não se perder as relações humanas.

Segundo Goton e Clero (1997), não basta admitir que a criança tem vontades e necessidades de atividades, que não é mero objeto, pois, nota-se nos pais da atualidade problemas de educação entre o pensamento teórico e a prática. A educação é tanto menos facilitada, quanto é certo que desejar ao mesmo tempo uma criança bem educada.

Para os autores, as crianças nasceram num mundo hierarquizado e quando estas se tornam pais, veem as crianças como eram vistos por seus pais, para a criança o adulto tudo pode e tudo sabe, e deve ser ouvido, enquanto que ela nada pode e tudo tem que aprender (GOTON E CLERO, 1997).

Segundo Coll (1994), por tudo que foi apresentado nesse estudo, é evidente que o incentivo à participação familiar é um desafio para toda escola, independente de nível social, principalmente por motivos do próprio cotidiano que se torna tão atribulado e cheio de afazeres, buscando primeiramente a realização financeira e deixando a qualidade das relações em segundo plano.

Conforme Coll (1994), os pais em alguns casos, apresentam-se insatisfeitos com sua participação na vida escolar de seus filhos devido à prioridade que dão ao trabalho e muitas vezes não lhes sobra tempo para

participarem de reuniões ou atividades na escola do filho. Outros se mostraram desmotivados a participar de reuniões por não terem frequentado a escola durante um tempo que desse para entender de assuntos escolares. A realidade de vida é outra e acreditam que a escola deve ensinar a maioria das coisas para seu filho, inclusive no que diz respeito a princípios básicos de educação.

A maioria sabe e tem consciência da importância de sua participação na vida escolar do filho, porém, são muito preocupados com a subsistência e a maioria nem tem uma vida digna de dizer ser confortável, pois, vive no limite do orçamento e mal ganha para sustentar a família, assim, acabam por aparecer na escola apenas quando dá ou quando recebem uma intimação de comparecimento, o que muitas vezes acaba por prejudicar seu trabalho e eles já vão desmotivados e preocupados com a falta.

Para La Taille (2003), os assuntos das reuniões são sempre os mesmos e a maioria diz já saber o que tem que ser feito e muitas vezes impondo o estudo aos filhos, e alguns pais acreditam serem imaturos demais para entenderem o porquê da importância do estudo. Muitos pais alegam falta de tempo, o cansaço físico, a escolha do horário não adequado para participarem mais efetivamente das reuniões. Para alguns, a escola deve ter uma postura ética ao abordar determinados assuntos sobre seus filhos, chamando-os particularmente para não constrangê-los perante todos.

Segundo Antunes (2006), a escola sozinha não é responsável pela formação intelectual dos educandos, sendo necessária uma participação ativa da família no processo de aprendizagem, pois o alicerce começa na família.

Os educadores podem manter-se ligados aos educandos através de compromissos prazerosos que proporcionem a participação de todos como trabalho voluntário, mutirões, gincanas, campanhas de arrecadação para trabalhos sociais e comunitários, passeios, filmes, eventos culturais e outras tantas que podem cada vez mais aproximar família, estudantes e educadores além de busca de parceria com empresas que possam proporcionar cursos de capacitação aos pais através do espaço escolar. Tudo isso pode ser feito a partir de um projeto que mantenha o conhecimento como objetivo principal, considerando a realidade da comunidade na qual a escola está inserida.

A relação escola família se resume no respeito mútuo, o que significa tornar paralelos os papéis de pais e professores, para que os pais garantam as

possibilidades de exporem suas opiniões, ouvirem os professores sem receio de serem avaliados, criticados, trocarem pontos de vista. A escola deve considerar à necessidade da família vivenciar reflexões que lhes possibilitem a reconstrução da autoestima, afim de que, se sintam compreendidos e não acusados, recepcionados e não rejeitados.

Gardner (1994) afirma que é importante que se siga uma conduta de respeito à cultura do educando, que estimule a aprendizagem através do que o aluno traz consigo, através de sua cultura regional e de seus princípios sociais. A escola tem hoje, juntamente com seus profissionais, a preocupação de conquistar o apoio da sociedade, considerando este apoio relevante para uma educação eficaz.

Seguindo o pensamento de Devries (1998), a educação é o instrumento que pode transformar o indivíduo em um cidadão crítico, responsável, digno, empreendedor e participativo dentro do processo social e sendo a Educação Infantil a etapa que representa o início da vida escolar da criança, tem um papel relevante de promotora de ações de desenvolvimento e construção através de interações e atividades adequadas a faixa etária de zero a cinco anos. Esta educação passa constantemente por profundas mudanças, sendo impulsionada principalmente pelas grandes transformações tecnológicas. A informação tornou-se dinâmica neste mundo globalizado. A notícia invade a casa de todos quase ao mesmo tempo em que o fato está acontecendo.

Não há mais espaço para uma educação centrada num banco escolar, sendo imprescindível que se reflita sobre o papel do educador infantil enquanto mediador de aprendizagem e agente de suporte psicossocial no processo de construção do cidadão do mundo.

Antunes (2004) mostra que a criança nesse período vive o momento de troca de experiências e as compartilha, faz suas representações artísticas e expressão de maneira diversificada, o modo de ser, agir com prazer e alegria, A Educação infantil prioriza uma política educacional de forma global, caracterizada e conivente ao nível de ensino-aprendizagem em que ela está e essa transição é de suma importância, pois, nesse caminho, estímulos são necessários para a descoberta de si mesmo e de tudo o que está ao seu redor, motivando-a para que caminhe rumo à compreensão e formação de um ser que age, interage e faz sua história cotidiana.

Segundo Gardner (1994, p. 115), as escolas eram consideradas o canal de transmissão de valores morais e políticos, esperava-se que os professores modelassem os alunos, e recentemente com o acúmulo de conhecimentos e a proliferação de disciplinas e o aumento da informação, as escolas têm um papel mais amplo, tornando-se o local mais certo para a transmissão do saber.

Focando Celso Antunes (2004), no que se refere à Educação Infantil, além da coragem e da ousadia que possui, o ser humano é a única espécie a criar crenças como se fosse portador de um cérebro que não aceita explicações ilógicas, inventando respostas que progressivamente são mudadas. O homem é a única espécie que desenvolveu a habilidade de fazer de todos os seus sentidos ferramentas de aprendizagem. Aprende quando ouve, quando fala e através dos seus sentidos, que se desafiam para que a aprendizagem seja mais ampla e eficiente. Muitas pessoas ainda veem na criança um adulto pequeno, que aguarda para assumir competências, afastando-a do mundo real, pressupondo que seja uma tábula rasa.

O autor defende que muitos são os educadores que contemplam a criança como ser social e histórico que precisa da educação para modificar-se nos saberes, na experiência e nas noções primordiais como crescimento e liberdade.

Segundo Antunes (2004), os educadores que tem essa proposta como mola propulsora de sua ação, e baseiam-se em atividades que instigam a criança a refletir e desvendar a importância de ser e estar, usando variáveis linguagens afim de mostrar sua descoberta.

São mestres atentos à curiosidade infantil e à imensa vontade da criança de conhecer o mundo; por isso, organizam projetos que envolvem temas associados a natureza, cultura, beleza, bondade e verdade. Eles sabem que sua forma de agir jamais está pronta, mas requer busca permanente caminho que, a todo o momento, percorre-se novamente (ANTUNES, 2004, P.52).

Pensando na existência desses educadores, explica-se hoje sua relevância quando se percebe a tamanha importância da educação infantil para o desenvolvimento de nossas crianças.

Antunes (2004) relata sobre a preocupação e pedido dos pais no que se refere a indicações de uma escola de Educação Infantil “ideal” para seus filhos quando salienta sobre vários fatores importantes como a localização da escola em relação à sua casa, para que a criança não seja sacrificada com deslocamentos, à amplitude de competências e linguagens ou o apego cognitivo, recursos materiais da escola e sua utilização e também sobre a capacitação dos profissionais que serão responsáveis pela criança. “Procure uma escola que, com base na ação intermediadora de professores apaixonados, os alunos sintam gula e vontade de resolver problemas, organizar seu tempo e se auto-avaliarem (ANTUNES, 2004, p. 53)”.

Para Antunes (2004), o que se aprendia, seria mais bem aprendido se devidamente ensinado por um profissional atento, observador e, sobretudo, eficiente e competente. Hoje, anos depois, vemos a possibilidade de treino de pensamento, atenção e criatividade através de atividades simples.

Ensinar não é apenas transformar informações em conhecimento, mas, aguçar a sensibilidade para o som, para a acuidade para o tato, libertar o olfato. Não deixe de levar a seus alunos o que, por desconhecimento ou descaso, a vida lhe faltou. Ninguém precisa nos ensinar a correr, mas, talvez alguém que tenha essa meta, possa nos levar a um lugar que sozinhos jamais chegaríamos. (ANTUNES, 2006)

CONCLUSÃO

Aspectos importantes foram retratados nesta pesquisa para comprovar a ausência da afetividade nas escolas contemporâneas e a urgência em modificar este quadro social.

Ao assumir uma postura de educador, é importante que se descubra o que é ser pedagogo e ter uma prática pedagógica que esteja à altura de um educador interessado em garantir a seus alunos uma educação de qualidade. E para isso o professor precisa além de atualizado na tentativa de estar capacitado para exercer seu trabalho, deve também manter um vínculo de respeito e cuidado com seus educandos.

Para que exista a escola apropriada, é necessário que todos tenham os mesmos ideais, compromissos e esperanças, baseados em aspectos reais e possíveis de se realizar, o que infelizmente nem sempre acontece.

Educar nos dias em que vivemos, torna heróis os que exercem a profissão, pois, buscam educar num ambiente em que procuram deseducar.

Como disse Garcia (1998), “educar é ensinar a pensar”. Vivemos, sim, novos tempos. Talvez “Era de Conhecimento” seja uma metáfora exagerada, mas com certeza vivemos uma sociedade que privilegia o conhecimento. Quando, no período pós-segunda guerra mundial, a tecnologia da informação começou a transformar a sociedade, teve início um período que viria a nos intoxicar e criar um novo tipo de ansiedade, a de decidir pela informação que aceitaríamos, dentro de um manancial quase inesgotável.

É fundamental que se volte à atenção para as ações e suas consequências, uma vez que temos o hábito de pensar sobre objetos, acontecimentos ou conceitos devemos aprender a refletir sobre as ações passadas, para que as futuras sejam bem planejadas, superadas e valorizadas.

Urgente se faz que passemos a aprender a refletir com a mediação de alguém ou de algum recurso, isto é, dispor de estratégias de formação e aceitar o papel de formador, mas é preciso discutir, rever, corrigir, analisar todos os pontos e apresenta-los de maneira diferente da próxima vez e conviver com a dupla função da reflexão: que serve para criticar ou elogiar, assim pode ocorrer à transformação que tanto se quer.

É importante refletir sobre as formas mais aconselháveis de trabalhar com as crianças, atendendo suas necessidades educacionais específicas, pois, trazemos para questionamentos uma visão mais ampla sobre as principais correntes metodológicas que devem ser utilizadas, que enfoquem não apenas os procedimentos adotados para abordagem dos conteúdos básicos, mas, também as maneiras de trabalhar dentro do ambiente ao qual o educando está inserido, neste caso específico, na educação infantil, também realizando uma análise sobre as vantagens e benefícios das concepções de aprendizagem que estão por trás dos diferentes projetos de ensino, tendo em vista suas particularidades.

A abrangência deste estudo deve ser a todos que tenham envolvimento e se fazem necessários para a vida dos educandos, primando pela integração de conhecimentos dentro das reais circunstâncias que a educação infantil se faz. O conhecimento isolado de técnicas e saberes não é suficiente para dar as respostas futuras tanto na vida social, quanto profissional ou particular, mas, ao menos temos a obrigação de mostrar as ferramentas para que possam ser utilizadas.

Este trabalho contribui para o aprimoramento das relações, o aluno aprende como é possível compartilhar desejos, ideias, gostos e outros mais, em projetos que se tornam realidade com esforços coletivos. O processo de educação instiga a vontade de desenvolver através do pensar e do sentir, ambos estão prontos por natureza, contudo, o agir aguarda um processo educativo para que possa e deva ser trabalhado.

Mais importante que tudo isso é manter-se consciente de que no mundo globalizado em que vivemos, estamos a cada momento prestes a mudar radicalmente nossos costumes e modos de ver as coisas, e isso na educação acontece em todo momento. A qualidade do processo de ensino aprendizagem depende muito da aceitação de todas essas mudanças exteriores e interiores que ocorrem na atualidade e por mais catedráticas que fôssemos, por mais bagagens teóricas que tivéssemos nada teria valor, e não teriam tão bons resultados, se faltasse o Amor que não se encontra nos bancos das Universidades, mas vem de dentro de cada educador quando vê no seu aluno um ser humano que tem uma história, um anseio, um medo e muitos sonhos.

REFERÊNCIAS

ALVES, R; A Alegria de Ensinar, 6ª edição, Papirus. 2000

ANDRADE, M M e. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ANTUNES, C. A dimensão de uma mudança. Editora Papirus: Campinas, 1999.

_____. Educação Infantil, Prioridade Imprescindível. Editora Vozes: Petrópolis, 2004.

ANTUNES, C. A afetividade na escola: educando com firmeza. Londrina: Maxiprint, 2006.

BAHÁ'U'LLÁH (1817-1892) ("*A Glória de Deus*") fundador da Fé Bahá'í, a mais jovem das grandes religiões mundiais.

CARVALHO, A. M; GIL PEREZ, Daniel. O saber e o saber fazer dos professores. In: CASTRO, A. D; CARVALHO, A.M.P. (Org.). Ensinar e ensinar Didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Pioneira - Thompson Learning, 2001.

CERVO, A L; BERVIAN, P A. Metodologia Científica. 5ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COLL, César Salvador: Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

COLL, C. Aprendizagem e construção do conhecimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CRUVINEL, M; BORUCHOVITCH, E. Sintomas depressivos, estratégias de aprendizagem e rendimento escolar em alunos do ensino fundamental. Psicologia em estudo, Maringá, v. 9, n. 3, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciArttex&pid=S1413-73722994999399995&lng=PT&nrm=iso>. Acesso em: 22 Outubro/2016. doi: 10.1590/S1413-73722004000300005

DAVIS, C. OLIVEIRA, Z de M R; Psicologia na Educação, São Paulo, Cortez. 1990.

DELORS, Jacques (org.). Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Editora Cortez, 7ª edição, 2012.

DELGADO, E. R. R. O desenvolvimento cognitivo. Maringá: EDUEM, 2005.

DEVRIES, R; A Ética na Educação Infantil – O ambiente sócio moral na escola – Porto Alegre – Artes Médicas, 1998.

FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONSECA, V. Psicomotricidade. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FONSECA, V. da: Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 9º ed.- São Paulo: Paz e Terra, 1996. - (coleção leitura)

_____. Pedagogia da Esperança: Paz e Terra, 2000.

FURTADO, O; BOCK, A. M.B; TEIXEIRA, M.L.T. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

GADOTTI, M. Paulo F e Sérgio G. Pedagogia: diálogo e conflito. 5ª ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

GALVÃO, I. H Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, Vozes, 2008

GARCIA, J. N. Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática. Trad. Jussara haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1978.

GLOTON, R, CLODE, C: A Actividade Criadora da Criança, traduzido por João Esteves da Silva, Editora Estampa 1997.

KULLOK, M G B. Relação Professor Aluno: Contribuições à Prática Pedagógica – Edufal – inep Maceió, 2002.

LAKATOS, E, e Marconi, M. Metodologia do Trabalho Científico. SP: Atlas, 2000.

LA TAILLE, Y. Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

LA TAILLE., Y.Prefácio. In, PIAGET, J. A construção do real na criança. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

LIBANEO, J. C. Didática. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor). São Paulo: Cortez, 1994.

MARANHÃO M E, O Desenvolvimento Psicomotor da Criança, <http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/desenvolvimento-psicomotor/30206/> acesso em out/ 2016.

MIZUKAMI, M. da G. N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MOULY, George J. Psicologia educacional. 8. ed. São Paulo: Pioneira, 1979. cap. 10, p. 255-277. Motivação.

MUKHINA, V. Psicologia da idade pré-escolar. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PARRAT-DAYAN, S. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. Como enfrentar a indisciplina na escola São Paulo: Contexto, 2008.

PATTO, M H de S; Introdução a Psicologia Escolar, Taq, São Paulo, 1982.

PERRENOUD, P.10 Novas Competências para Ensinar, Artmed Editora, Porto Alegre – 1998.

PIAGET, VYGOTSKY, WALLON. Teorias psicogenéticas em discussão. Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. 14^o ed.- São Paulo: Summus, 1992.

PIAGET, J. et al. Abstração reflexionante. Relações lógico-elementares e ordem das relações espaciais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PIAGET, J. A epistemologia genética. Trad. Nathanael C. Caixeira. Petrópolis: Vozes, 1971. 110p.

PIAGET, J. A equilibração das estruturas cognitivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, Jean. Seis Estudos de Psicologia. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

PORTO, O. Bases da psicopedagogia: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem. Rio de Janeiro, 2007.

RAPPAPORT, C. R. Modelo piagetiano. In: RAPPAPORT, C. R. et. al. Teorias do desenvolvimento: conceitos fundamentais. São Paulo: EPU, 1981.

ROSENTHAL, R., & Jacobson, L. 1968. Pygmalion na sala de aula .York Nova: Holt, Rinehart & Winston. Becker, H. 1952. "variações da classe social no relacionamento do professor-pupila." *Jornal do sociology educacional*, 25, 451-466.

ROSSINI, M. A. S. Pedagogia afetiva. Petrópolis: Vozes, 2001.

SALTINI, C J. P. Afetividade e inteligência. 5^o ed.- Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

SALVADOR, C. et al. Psicologia do ensino. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TIBA, Içami. Disciplina, limite na medida certa. São Paulo, Editora Gente, 1996.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. Henri Wallon; com introdução de Émile Jalley, 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 122-124.

WOOLFOLK, A. A psicologia da educação. Porto Alegre: Artmed, 2000.